

A espiritualidade como ferramenta de gestão

Por Luiz Ernesto Mellet, Gestor Governamental

Entendida como a arte de administrar negócios, pessoas e recursos, a gestão parece se mover num espaço distante da espiritualidade. Talvez porque os aspectos ligados à eficácia e resultados que ocupam o ambiente profissional ofereçam pouca margem para a discussão sobre transcendência. Além do fato de o assunto ainda ser encarado com estranheza pelos executivos que consideram o tema esotérico demais para ser levado a sério no interior refrigerado dos escritórios. No entanto, a noção de que espiritualidade e negócio estão dissociados um do outro está caindo por terra neste milênio. Gigantes como Intel, Appel, Taco Bell e Pizza Hut estão incentivando práticas humanistas junto a seus funcionários que antes ficavam longe dos gabinetes e do pátio das fábricas.

Se até pouco tempo atrás as organizações focavam na capacidade mercadológica e financeira relegando o capital humano a um patamar inferior em suas prioridades, as novas estratégias corporativas agora parecem mirar nas pessoas. Afinal, são elas responsáveis pelos produtos e serviços e são elas também que estão na linha de frente e se relacionam diretamente com o cliente. Não há dúvidas de que cursos de capacitação e formação profissional resultem no aumento da produtividade, mas isso parece não ser mais o suficiente no rol dos benefícios que os funcionários esperam das organizações. Ser feliz no trabalho é a primazia que se desenha no modelo corporativo do século 21.

Ainda há pouco lugar para os valores espirituais numa sociedade de consumo como a nossa na qual cada vez mais somos tragados pelos meios de comunicação e vivemos em função das novas tecnologias que surgem. Mas o homem atual, apesar de se achar envolto nesse complexo tecnológico, não deixa de ter sua essência humana e, como tal, sente o impulso primitivo por algo que o transcenda. E a espiritualidade é o caminho que o conduz a um plano superior.

Na verdade, a valorização da espiritualidade no ambiente de trabalho não é um fenômeno novo. Ainda nos anos 40 do século passado, a Companhia Elétrica Lincoln, líder entre as indústrias de fundição nos EUA, introduziu nas fábricas do grupo o conceito de '*gerencia incentivadora*'. O chamado Lincoln's Incentive System consistia basicamente num conjunto de regras de conduta aplicadas na linha de produção que, nas palavras do seu criador James Lincoln, "tornaria a indústria mais útil à própria humanidade".

Se há algo de novo no resurgimento da espiritualidade no ambiente de trabalho é que ela vem se restabelecendo agora como um paradigma capaz de servir de contraponto ao hedonismo exacerbado no mundo de hoje. Contudo, quando o assunto da espiritualidade vem à tona no mundo organizacional, boa parte dos executivos ainda torce o nariz na crença de que o tema esteja diretamente ligado à prática religiosa e receia que, caso seja estimulada, surjam sérios conflitos entre os funcionários e pelas diferentes doutrinas de fé que abraçam.

Isso se deve ao senso comum de que a espiritualidade seja algo restrito às igrejas e mosteiros. Esta ideia em nada corresponde com a realidade uma vez que, conceitualmente, a espiritualidade se aproxima dos aspectos relacionados a princípios e não aos dogmas e crenças religiosas. Soma-se a isso a condição de que enquanto a religião recai sobre o indivíduo, a espiritualidade se conecta ao coletivo através de um conjunto de valores e ações não institucionalizadas.

Talvez esteja aí o motivo pelo qual fosse difícil até há pouco tempo imaginar respeitáveis cavalheiros envergando terno e gravata frequentando congressos sobre o assunto. No entanto, parece consenso entre esses executivos o papel atenuante da espiritualidade no disputado – e por vezes feroz – ambiente organizacional, repleto de competições vaidosas pelo reconhecimento e poder. Se não elimina por completo a atmosfera de conflitos, a espiritualidade colabora na redução das tensões e atritos contribuindo para uma convivência mais harmoniosa no local de trabalho. É isso que constatam as empresas que vem adotando a prática.

Uma das mais célebres citações cunhadas por Peter Drucker – para muitos o pai da administração moderna – passou a ser repetida como um mantra entre os empreendedores: “Ganhar a vida já não é suficiente, o trabalho tem de nos permitir vivê-la também”. Em outras palavras, o recado de Drucker endereçado aos gerentes é que o trabalho passará a ser mais prazeroso se eles procurarem promover um clima de compreensão e generosidade na empresa. Considerando o fato de que o ser humano passa um terço de sua vida dormindo e mais um terço em seu local de trabalho, é lícito concluir que a felicidade deva ser buscada também durante o expediente.

O fato de hoje a prática avançar nos escritórios e nas fábricas é porque o mundo corporativo está enxergando a espiritualidade numa dimensão estratégica, na medida em que dá maior significado à missão da organização e ao trabalho das pessoas.

Cada um de nós carrega determinados valores que se misturam a nossa condição de vida. Este repertório é alimentado também por uma boa dose de idiosincrasia. O conjunto dessas particularidades modela a personalidade das pessoas e obviamente influem em quaisquer situações, inclusive as que dizem respeito à vida profissional. Afinal, o mais aplicado dos executivos jamais se transforma noutra pessoa no momento em que aciona o scan da catraca com o dedo e adentra o prédio de escritório. O mesmo ocorre com o operário de chão de fábrica: ele não passa a ser outra pessoa ao vestir o macacão.

A expansão da corrente espiritual no trabalho insere-se numa perspectiva organizacional vinculada a uma postura mais benevolente diante o mundo. Apesar de certos movimentos racionalistas como terceirização, redução de custos e flexibilização dos contratos de trabalho, as organizações de vanguarda têm priorizado os estatutos da ética e olhado com mais interesse para a complexa relação com a transcendência que habita todo ser humano.